

2

Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho*

Natália Pietra Méndez**

1 Introdução

Na sociedade do século XXI, a preparação para o mundo do trabalho constitui um imperativo. Ao longo da vida, crianças e jovens são orientados a buscar o interesse pelo trabalho e a encontrar uma profissão. A chave para o “sucesso profissional” é comumente atribuída a duas características: mérito individual (esforço, investimento em formação) e saber aproveitar as oportunidades. De certo modo, esta orientação educacional se pauta na ideia de que cada indivíduo pode e deve querer construir sua própria história. O futuro profissional – até certo ponto – pode ser resultado de escolhas individuais. Mas o sucesso ou insucesso no mundo do trabalho não é fruto apenas de escolhas dos indivíduos. A história de cada um é escrita dentro de uma trama social mais ampla, em que relações sociais, culturais, políticas e econômicas interferem o tempo todo nas escolhas dos sujeitos. Os caminhos percorridos até chegar ao mundo do trabalho são trilhados dentro de um campo de possibilidades, próprio do contexto em que se vive.

* Texto desenvolvido a partir das pesquisas realizadas no Observatório do Trabalho da Universidade de Caxias do Sul. Agradeço a colaboração do colega Adalberto Dornelles Filho e da bolsista Paula Grassi pela colaboração na extração e tratamento dos dados do IBGE e RAIS.

** Doutora em História e Professora no Departamento de História da UFRGS.

Este texto pretende trazer alguns elementos para discutir a organização do mundo do trabalho na sociedade contemporânea. O objetivo é traçar um olhar mais atento às condições que o mundo do trabalho oferece e o quanto os caminhos profissionais podem estar relacionados a características estruturais da sociedade. O mundo laboral é resultado de uma complexa organização social. Nela se conjugam as divisões de classe social – fundamentais para compreender as relações de trabalho – e outras distinções sociais. Como compreender a posição do sujeito frente ao trabalho sem considerar, por exemplo, se é homem ou mulher, negro ou branco, jovem ou idoso, urbano ou rural, hetero ou homossexual, apenas para citar algumas possibilidades de conformações identitárias que interferem nas relações laborais.

O trabalho constitui um tema relevante para reflexão no âmbito escolar, principalmente quando se trata da Educação de Jovens e Adultos. De acordo com Foucault, o sistema de educação – como lugar historicamente constituído para preparar o sujeito aluno para a vida adulta – é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT, 2008, p. 44). As decisões sobre o que deve ser ensinado são, portanto, resultantes de escolhas, são uma operação de poder. A construção do sujeito-aluno é marcada pela ideia do menor, da criança. No entanto, como bem lembra Sacristán, nem todos têm as mesmas possibilidades educacionais:

Ser aluno foi e continua sendo uma experiência e uma condição social fundamentalmente dos menores, que deu a eles a presença e identidade singulares, como classe social diferenciada e reconhecida. Uma oportunidade que foi e continua sendo desigual para diferentes grupos sociais, em função de sua condição econômica, gênero, etc. Se o fato de estar escolarizado é uma vivência que marca o caráter, a condição social daqueles que estão nas salas de aula, a aceitação no mundo e seu futuro, é preciso admitir que é uma experiência que nem todos tiveram, nem a têm em igualdade de condições, durante o mesmo tempo e na mesma especialidade. (SACRISTÁN, 2005, p. 105).

Ao considerar essas diferentes vivências, percebe-se que o sujeito-aluno não é um ser homogêneo, e que as experiências de escolarização tendem a (re)produzir distinções sociais. Assim, o universo escolar está diretamente relacionado às oportunidades e necessidades da divisão social do trabalho, o que explica a tendência da escola a incorporar métodos de organização da produção semelhantes àqueles empregados nas empresas. A formação escolar procura instaurar o hábito do trabalho através da aceitação de uma disciplina que muito lembra a organização fabril: horários, normas de convivência, prazos de entrega, premiação para a produtividade, obediência, desenvolvimento do espírito colaborativo, desenvolvimento da liderança (para alguns).

Se a escolarização se transformou em uma exigência para o ingresso ao mundo do trabalho, ela não é garantia de igualdade de oportunidades. Pessoas com a mesma escolaridade, como será discutido na terceira parte do texto, apresentam uma participação diferenciada nos postos de trabalho com remuneração mais elevada. A escola tende, portanto, a uma reprodução das distinções sociais, garantindo que cada sujeito-aluno possa corresponder ao lugar que lhe é oportunizado na divisão social do trabalho. Para continuar a reflexão, na próxima seção do texto será discutido o conceito de trabalho. E, na terceira parte, serão apresentados alguns dados da pesquisa realizada pelo Observatório do Trabalho da Universidade de Caxias do Sul, acerca da inserção da juventude no mercado de trabalho.

2 O conceito de trabalho

O conceito de trabalho foi definido por diversos autores, mas para a finalidade deste texto recorreremos às palavras de Karl Marx e Friedrich Engels quando, na conhecida obra *A ideologia alemã* defenderam que o primeiro pressuposto de toda a existência humana é garantir as condições de viver para poder fazer história. O trabalho, em um sentido mais amplo, está associado à produção da própria vida material para satisfação das necessidades básicas.

Ao longo da História, as sociedades humanas encontraram diversas formas de organização com vistas a satisfazer suas necessidades vitais, ou seja, várias formas de modo de produção:

Um modo de produção corporifica um programa particular de produção (uma maneira de produzir na base de uma determinada tecnologia e divisão produtiva do trabalho) e também “um conjunto específico e historicamente determinado de relações sociais mediante o qual o trabalho é alocado para arrebatar energia da natureza por meio de ferramentas, habilidades, organização e conhecimento” em uma dada fase de seu desenvolvimento e por meio das quais o excedente socialmente produzido é circulado, distribuído e utilizado para acumulação ou alguma outra finalidade. Uma história marxista deve considerar ambas as funções. (HOBBSBAWM, 1998, p. 179).

As formas de organização e divisão do trabalho modificam-se no tempo e no espaço. A sociedade capitalista, modo de produção no qual se encontra inserido boa parte do mundo, modificou o conceito de trabalho. De acordo com o historiador Edward Thompson, o capitalismo, a partir do século XVII, imprimiu transformações profundas nas formas de organização do trabalho. A sociedade industrial implementou uma rigorosa reestruturação dos hábitos de trabalho e do controle do tempo. A fábrica e a escola foram duas instituições essenciais para entranhar nos trabalhadores a disciplina necessária para que o trabalho se transformasse em um hábito e em um valor social. (THOMPSON, 1998).

No contexto de estruturação do capitalismo industrial, a classe social se transformou no elemento organizador da divisão social do trabalho:

Sabe-se que as sociedades capitalistas contemporâneas se dividem em duas classes sociais: a primeira é a classe proprietária ou capitalista, composta por pessoas com posses econômicas suficientes para assegurar a satisfação de suas necessidades e das de seus dependentes, sem que tenham necessidade de exercer alguma atividade remunerada. A outra classe social é a trabalhadora, composta pelos demais, que por não terem tais posses subsistem com os ganhos do exercício de atividade remunerada. (SINGER, 2008, p. 191).

Entretanto, a classe não é a única relação social que explica o lugar dos sujeitos no mundo do trabalho. É importante lembrar que as relações de trabalho não ocorrem em uma esfera social separada das demais. O mundo do trabalho é “[...] permanentemente informado pelas relações e pelos significados tecidos fora das suas fronteiras”. (GUIMARÃES, 2008, p. 252). Para compreender as diferentes inserções dos sujeitos no mundo laboral, é essencial considerar que estamos olhando para um amplo grupo social, composto por homens e mulheres, de diversas idades e origens. No caso do Brasil, o componente étnico-racial é outro aspecto a ser considerado ao analisar as experiências dos trabalhadores. No século XXI, fatores históricos e culturais, articulados a inovações tecnológicas e produtivas, apresentam o mundo do trabalho como uma realidade cada vez mais complexa e difícil de ser analisada em sua totalidade. Por esta razão, uma das tendências das pesquisas, especialmente as quantitativas, é definir um grupo populacional a ser estudado. No caso desta pesquisa, a escolha foi pela análise da inserção juvenil no mercado de trabalho, examinando de forma mais atenta a população jovem da cidade de Caxias do Sul/RS.

3 Juventudes e trabalho

A ideia de juventude é comumente associada a uma fase biológica da vida humana, a um período de transição entre a infância e a vida adulta. Entretanto, essa definição diz pouco sobre a pluralidade de experiências dos sujeitos jovens:

[...] à visão singular da juventude como adollescere, como estado de irresponsabilidade provisória, dever-se-ia contrapor uma compreensão mais refinada da relação entre idade social e idade biológica, que entendesse os cortes etários ou geracionais como resultados, e não pressupostos, de leis específicas de envelhecimento em diferentes campos, expressando as (di)visões em torno dos seus objetos correspondentes em disputa. (GUIMARÃES, 2008, p. 153).

Quando se analisa o enquadramento de jovens no mundo do trabalho, evidencia-se ainda mais que relações sociais de classe, gênero, raça/etnia, origem urbana ou rural incidem nos processos de escolhas e nas possibilidades de inserção profissional. Nesse cenário, é imprescindível refletir sobre os desafios da educação para jovens e adultos, que recorrem à escola com o principal objetivo de se inserir no mercado de trabalho ou buscar postos com melhor remuneração. Com este propósito, o Observatório do Trabalho/UCS tem desenvolvido pesquisas anuais para acompanhar a participação de jovens no mercado de trabalho caxiense.¹

Alguns dados que serão apresentados comparam os resultados do Brasil, do Rio Grande do Sul e de Caxias do Sul. Este município, com uma população de aproximadamente 435 mil habitantes (IBGE, 2010) foi escolhido para a pesquisa devido às características dinâmicas de seu mercado de trabalho formal. Embora o mercado de trabalho ainda seja predominantemente fabril, Caxias do Sul possui significativa variedade de subsectores econômicos: comércio, serviços, agropecuária.

Para fins de facilitar a comparação, a pesquisa trabalhou com algumas faixas etárias pré-selecionadas, que consideram jovens a população com até 29 anos. Como já foi sinalizado, ser jovem não se resume a uma determinada idade. Há que observar outros aspectos como cultura juvenil, autonomia, formas de vida. Porém, como se trata de uma pesquisa quantitativa, o recorte até 29 anos permite comparações de três faixas etárias jovens e destas com a população acima de 30 anos.

Tabela 1 – Comparação da população geral e população jovem Brasil, RS e Caxias do Sul

	Total população		%	15 a 19 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos
	geral residente	jovem residente				
Brasil	190.755.799	51.340.473	26,91	10.357.874	23.878.186	17.104.413
Rio Grande do Sul	10.693.929	2.468.563	23,08	359.588	1.214.976	893.999
Caxias do Sul	435.564	118.291	27,16	19.884	54.820	43.587

Fonte: Rais/MTE. Tabulação: Observatório do Trabalho/UCS.

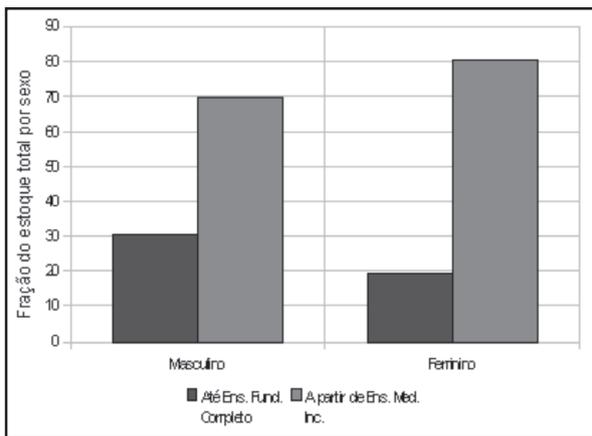
¹ A pesquisa em questão utilizou duas bases de banco de dados: Base do Banco de Dados SIDRA, Censo Demográfico do IBGE (2010) e Base de Dados da Relação Anual Informações Sociais (Rais), Ministério do Trabalho e Emprego, governo federal.

Na tabela 1, estão representadas três faixas etárias jovens e o percentual de participação das mesmas (somadas) na composição populacional do Brasil, do Rio Grande do Sul e de Caxias do Sul.

Em Caxias do Sul, a participação de jovens com até 29 anos é superior, se comparada às outras duas unidades geográficas. A presença mais expressiva, principalmente dos jovens entre 18 e 24 anos, pode estar associada aos movimentos migratórios de jovens em direção a Caxias do Sul em busca de oportunidades de emprego.

Na figura 1, observa-se a participação dos jovens nos empregos formais para os três níveis geográficos selecionados:

Figura 1 – Participação das faixas etárias nos estoques de empregos formais, Brasil, RS e Caxias do Sul (2011)

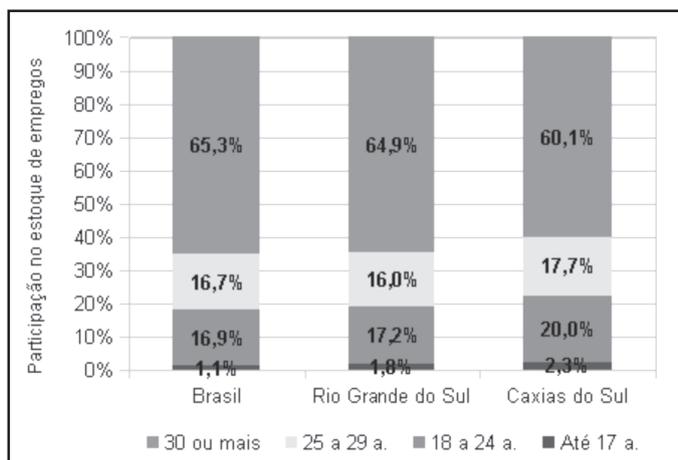


Fonte: Rais/MTE. Tabulação: Observatório do Trabalho/UCS.

Conforme os dados da Rais, a organização do mercado de trabalho formal de Caxias do Sul possibilita um percentual maior da participação de jovens, se comparado a Brasil e ao Rio Grande do Sul. O destaque principal está na faixa etária de até 17 anos e na que congrega jovens de 18 a 24 anos. Ao que tudo indica, os jovens caxienses tendem a ingressar mais precocemente no mundo do trabalho.

Na figura 2, é possível observar a presença da população jovem nos estoques de empregos para alguns anos selecionados. O intuito do gráfico é comparar a presença de jovens no mercado de trabalho em relação à população adulta.

Figura 2 – Participação das faixas etárias nos estoques de empregos, anos selecionados

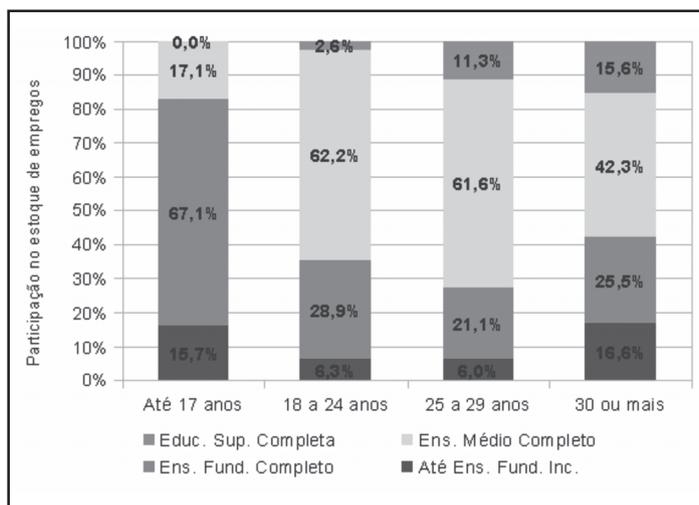


Fonte: Rais/MTE. Tabulação: Observatório do Trabalho/UCS.

Ao longo dos anos selecionados, observou-se que a presença de jovens das três faixas etárias somadas tendeu a permanecer na casa dos 40%. Essa constatação demonstra que o mundo do trabalho se organiza, entre outros fatores, a partir de relações geracionais. Ou seja, existem postos de trabalho que servem de porta de entrada para os jovens. Existem ocupações típicas para a população jovem e, uma vez que estes adquirem idade e experiência, tendem a migrar para outros postos de trabalho e abrir espaço para a renovação da força de trabalho jovem.

Um dos objetivos da pesquisa foi mapear qual é a escolarização média dos jovens que atualmente conseguem ingressar no mercado de trabalho formal. A figura 3 ilustra os dados obtidos.

Figura 3 – Participação nos estoques de empregos por faixa etária e escolarização



Fonte: Rais/MTE. Tabulação: Observatório do Trabalho/UCS.

Enquanto a maioria dos jovens até 17 anos possuem Ensino Fundamental completo, nas outras duas faixas etárias há um predomínio do Ensino Médio completo. Os dados indicam que se para ingressar no trabalho o Ensino Fundamental é suficiente, para permanecer há um aumento da exigência por escolarização. Observa-se que tende a diminuir percentualmente a participação de jovens com Ensino Fundamental incompleto e completo. No caso da população com mais de 30 anos, notadamente, há um aumento da presença de trabalhadores com Ensino Fundamental incompleto e completo. Pode-se inferir que outros fatores, além da escolarização, são considerados na distribuição dos postos de trabalho. A população adulta conta com requisitos valorizados como experiência na função e tempo de serviço prestado, aspectos que influenciam não apenas na permanência no emprego (diminuindo a rotatividade) quanto nos salários auferidos.

Outro cotejamento realizado pela pesquisa foi verificar o número de horas trabalhadas pela população jovem. Jovens trabalhadores precisam de tempo fora do trabalho para outras atividades. Uma

delas é a educação. Investir na escolarização formal, além de outros cursos de aperfeiçoamento, é uma demanda do mundo do trabalho. O tempo livre (que pode ser destinado a atividades de interesse dos jovens) também é salutar e desejável ao pleno desenvolvimento social e cultural. Por estas razões, a pesquisa examinou quantas horas semanais os jovens empregados destinam ao trabalho e qual é a remuneração recebida.

Quadro 1 – Horas contratadas x remuneração (Caxias do Sul, 2011)

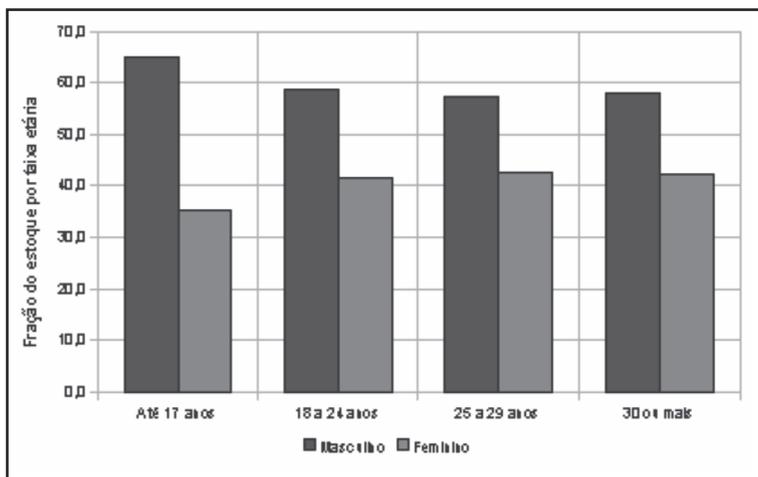
Indicador	Até 17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos	30 ou mais	total
Horas contratadas semanais	33,7	42,7	42,4	41,0	41,4
Remuneração por hora (R\$)	3,92	6,80	9,32	12,10	10,35
Remuneração mensal (R\$)	594,68	1.306,57	1.780,34	2.231,92	1.930,34

Fonte: Dados da Rais/PDET/MTE. Tabulação: Observatório do Trabalho – UCS.

A maioria dos jovens empregados em Caxias do Sul trabalha mais horas que a população com 30 anos ou mais. Apenas os jovens com faixa etária de até 17 anos ocupam menos horas semanais de trabalho do que a média da população. Enquanto os trabalhadores com 30 anos ou mais possuem vínculos de, em média, 41 horas semanais, os jovens entre 18 e 24 e 25 a 29 anos trabalham mais que 42 horas semanais. A remuneração por hora trabalhada é inferior nas faixas etárias jovens. À medida que há um avanço etário, os trabalhadores tendem a receber maiores salários, o que não decorre, necessariamente, da maior escolarização.

Na figura abaixo, estão representados homens e mulheres divididos em quatro faixas etárias. O objetivo destes dados é verificar se há diferenças na participação feminina e masculina no mercado de trabalho quando se trata da população jovem.

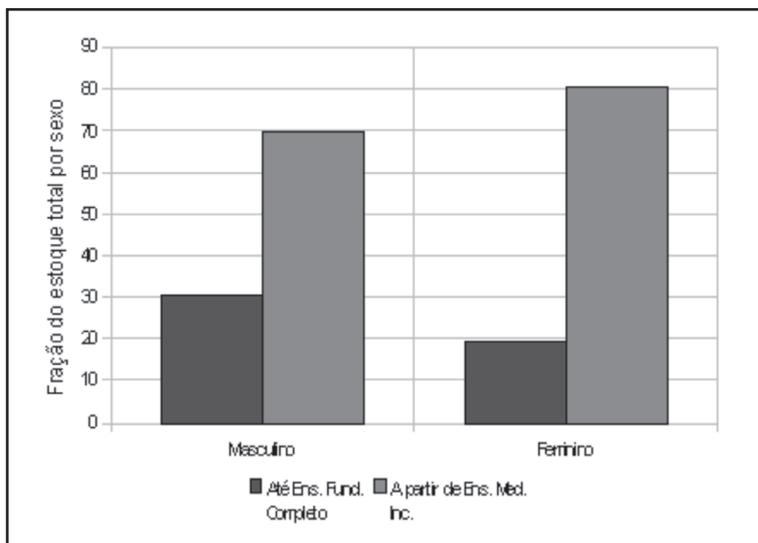
Figura 4 – Fração do estoque de empregos formais em Caxias do Sul por faixa etária e sexo (2009)



Fonte: Rais/MTE. Tabulação: Observatório do Trabalho/UCS.

Conforme os dados, a medida que há um avanço etário, registra-se uma tendência de maior participação feminina no mercado de trabalho. Entre os jovens trabalhadores com até 17 anos, a presença masculina é superior à observada nas demais faixas etárias. Um dos fatores que pode elucidar essa diferença é que os homens continuam ingressando antes que as mulheres no mercado de trabalho formal, enquanto as mulheres tendem a investir mais em sua educação formal. Dessa maneira, elas ingressam mais tardiamente no trabalho, porém com maior escolarização, como ilustra a figura 5:

Figura 5 – Estoque de empregos formais para jovens de até 17 anos por grau de instrução e sexo (Caxias do Sul, 2009)



Fonte: Rais/MTE. Tabulação: Observatório do Trabalho/UCS.

Como se pode observar, entre os trabalhadores homens de até 17 anos 70% possuem escolaridade a partir do Ensino Médio incompleto. Para as mulheres esse percentual sobe a 80%. A vantagem escolar das trabalhadoras persiste em todas as faixas etárias, como mostra o estudo sobre gênero e trabalho na primeira década de 2000:

Os dados indicam que a mão de obra feminina se concentrou no ensino médio completo: 29,7% em 2000, 39,8% em 2004 e 46,9% em 2008. O acesso à escolaridade pode estar associado à maior inserção das mulheres nos empregos formais em diversos segmentos ocupacionais. De 2000 a 2008, elas foram majoritárias entre os empregados com ensino superior completo, como demonstram os anos de 2000 (14,8% mulheres e 5,7% homens); de 2004 (16,7% mulheres e 8,7% homens); por fim, de 2008 (16,0% mulheres e 7,5% homens). (MÉNDEZ; GRAZZIOTIN; DORNELLES FILHO, 2010, p. 94).

Apesar de apresentarem maior escolaridade que os homens, as mulheres jovens, assim como as adultas, recebem salários inferiores aos dos homens. A título de exemplo, o salário das trabalhadoras da indústria – que é o setor que mais emprega em Caxias do Sul – equivale a 55% do recebido pelos homens.

Um último aspecto a ser abordado é a relação entre faixa etária e raça/cor.² Em Caxias do Sul, a Rais registrou uma maioria de trabalhadores formais brancos. Cabe destacar que estes dados, de acordo com a orientação do Ministério do Trabalho e Emprego, são coletados pelos empregadores a partir da autodeclaração dos empregados. O contingente de população não branca não chega a 20% dos vínculos formais em todas as faixas etárias. Para os fins desta pesquisa, interessa saber se há diferenças substanciais entre os salários auferidos por brancos e não brancos e se ocorrem mudanças salariais nesta comparação para as diferentes faixas etárias.

Tabela 2 – Valor da hora semanal contratada em reais de acordo com raça/cor e faixa etária (Caxias do Sul, 2009)

Raça/cor	Até 17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos	30 ou mais	total
Indígena	–	19,61	25,57	40,43	31,71
Branca	14,84	25,2	35,25	44,49	37,94
Negra	14,09	23,33	27,31	27,04	26,33
Amarela	14,16	23,28	30,12	37,19	32,08
Parda	15,24	26,12	32,19	36,41	32,81
Total	14,77	25,05	35,09	46,13	38,96

Fonte: Rais/MTE. Tabulação: Observatório do Trabalho/UCS.

² Terminologia utilizada pela Rais/MTE no seu banco de dados.

Conforme os dados da tabela 2, até 17 anos, há um equilíbrio entre a hora semanal contratada para brancos e não brancos. Quando observada a faixa etária dos 18 aos 24 e dos 25 aos 29 anos, nota-se que começa a crescer a distância entre a hora semanal contratada de brancos (R\$ 25,2 e R\$ 35,25 respectivamente) e negros (R\$ 23,33 e R\$ 27,31). Percebe-se que trabalhadores que possuem sua raça/cor declarada como parda recebem menos que brancos (em quatro das três faixas etárias) e mais que os trabalhadores negros, nas quatro faixas etárias selecionadas. As disparidades salariais entre brancos e não brancos está presente em todas as faixas etárias. Porém, há uma intensificação conforme aumenta a idade. Destaca-se o fato de que apenas a população branca de 30 anos ou mais recebe um valor de hora contratada semanal superior à média (R\$ 46,13 e R\$ 38,96 respectivamente).

Considerações finais

Os dados da pesquisa, ainda que parciais, indicam que as formas de inserção no mundo do trabalho dependem de múltiplos fatores. Classe, geração, gênero, raça/cor, contribuem na organização de padrões de contratação, oferta de empregos, salários auferidos e chances de ascensão profissional. No caso do Município de Caxias do Sul, características econômicas da cidade colaboram para que quase 30% de sua população seja composta por jovens. Eles apresentam um ingresso prematuro no mundo do trabalho, em comparação aos dados do Rio Grande do Sul e do Brasil. As jornadas de trabalho, como visto, são extensas, e a remuneração auferida é inferior à dos adultos. Neste contexto, cabe questionar quais as marcas que a intensidade do trabalho confere às identidades juvenis. A pesquisa em questão não permite chegar a essas respostas, mas indica que há um desequilíbrio entre o tempo do trabalho, o tempo da educação formal e o tempo livre. Vale lembrar que ser jovem significa, sobretudo, poder fazer uso do tempo para a educação e para a liberdade.

Em um mundo em que a realização pessoal está associada, sobretudo, ao consumo, a negação do trabalho constitui uma das formas mais eficazes de marginalização social. Um dos desafios da

EJA é refletir sobre a centralidade que o trabalho adquiriu nas sociedades capitalistas, levando em conta que os jovens e adultos que se encontram em sala de aula vislumbram, na conclusão do ensino básico, uma possibilidade de ingressar no mercado de trabalho ou de melhorar suas condições laborais.

Além das expectativas dos estudantes, a EJA se depara com a exigência do mercado por uma educação formal que contribua para a formação de sujeitos dotados de multifuncionalidade, adaptabilidade, disciplina e alta produtividade. Os riscos de atender a esta demanda é transformar a EJA em um ensino imediatista e produtivista, capaz de atender (em curto prazo) a formação de um perfil de mão de obra. Entretanto, o mercado de trabalho é dinâmico e tende a mudar suas exigências, tornando rapidamente obsoletas habilidades outrora desejadas. Na contramão do produtivismo em voga, outra possibilidade é pensar na EJA como oportunidade de desenvolver instrumentos que contribuam para a reflexão e a autonomia em diferentes cenários do mundo do trabalho e em todas as esferas do social.

PROBLEMATIZAÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos oportuniza, talvez mais do que outras modalidades de ensino, a inserção do trabalho como um tema gerador. Devido ao perfil etário e socioeconômico, os estudantes da EJA ou já estão inseridos no mundo do trabalho ou desejam este ingresso como uma meta de curto prazo. Tomando como ponto de partida as vivências dos sujeitos-alunos, é possível depreender uma série de questões para a reflexão em sala de aula.

Seguem algumas sugestões:

a) Em turmas onde haja uma heterogeneidade etária, a questão geracional pode ser um modo interessante de abordagem, pontuando em que medida a idade interfere nas possibilidades de trabalho.

b) Partindo das percepções dos estudantes, discutir o conceito de trabalho. Na mediação do debate, é importante lembrar que o trabalho formal (registrado na base de dados da Rais) é apenas uma das relações de emprego possíveis. O trabalho informal também responde por uma parcela significativa dos empregos. Como vimos, trabalho é toda e qualquer atividade humana que é executada, com o objetivo de garantir as condições de sobrevivência. Atividades não remuneradas e não reconhecidas socialmente também constituem um tipo fundamental de trabalho para a sociedade (a exemplo do trabalho doméstico e dos cuidados com crianças e idosos da família). Comparar os diferentes tipos de trabalho e questionar a quem são destinados é uma boa-forma de debater o conceito de divisão social do trabalho.

Referências

BOLETIM ANUAL JUVENTUDE E MERCADO DE TRABALHO [recurso eletrônico] / UCS, NID Observatório do Trabalho. (2012). Dados eletrônicos. Caxias do Sul, RS: UCS, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/site/nucleos-pesquisa-einovacaoedesevolvimento/nucleos-de-inovacao-e-desenvolvimento/observatorio-dotrabalho/boletins-especiais/>>.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2008.

HOBSBAWM, E. Marx e a história. In: _____. *Sobre a história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 2007.

MÉNDEZ, Natalia Pietra; GRAZZIOTIN, L.S.S; DORNELLES FILHO, A.A. Gênero e trabalho: análise interdisciplinar do mercado de trabalho formal em Caxias do Sul na primeira década de 2000. *INTERthesis*, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 81-106, jul./dez. 2010.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.